

encontros com a
CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA

Cr\$ 80,00

16



MOACYR FÉLIX — Estas Bandeiras Não Servem: Estão Podres • FREITAS DINIZ — Trilateralismo: a Receita das Multinacionais para o Regime Militar Brasileiro • GIACOMO LUCIANI — A OPEP na Economia Internacional: 1973-1978 • IGNÁCIO RANGEL — A Síndrome da Recessão Brasileira • LUIZ EDUARDO BICCA — A Crise Ideológica e o Integralismo • LUIZ PINGUELLI ROSA — Tecnologia Nacional: Dilemas e Perspectivas em Face da Internacionalização • GILBERTO VELHO — Academicismo e Vida Universitária • LUIZ ANTONIO CUNHA — Ensino e Pesquisa: uma Associação Problemática • MARCIO D'OLNE CAMPOS — Formação do Pesquisador: um Processo em Questão • CARLOS VOGT — De Modelos e Modelagens • CARLOS NELSON F. DOS SANTOS — O Campus Universitário no Brasil: Arquitetura e Aspectos ideológicos • FRITZ TEIXEIRA DE SALLES — Dependência ou Independência na Literatura Brasileira • JOSÉ ARTHUR GIANNOTTI — Histórias sem Razão • HAMILTON FARIAS e MÁRCIO ALMEIDA — Poemas • RUY MOREIRA — A Geografia Serve para Desvendar Máscaras Sociais • DAYSE MAYER — A Moça da Segunda-feira • JOÃO RICARDO MODERNO — Conceitos de Cultura em Mao Tsé-Tung • CARLOS HENRIQUE DE ESCOBAR — Da Categoria de Cultura: do Aparelho Cultural do Estado

“Teve Artur José Poerner a excelente idéia de escrever a história do movimento estudantil brasileiro. Ninguém ignora o papel importante e às vezes decisivo dos estudantes na história do Brasil. No entanto, esse movimento nunca foi historiado. O livro de Poerner é, portanto, valiosa contribuição à historiografia brasileira.”

Otto Maria Carpeaux

O PODER JOVEM

ARTUR JOSÉ POERNER



HISTÓRIA DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA
DOS ESTUDANTES BRASILEIROS

2ª EDIÇÃO REVISADA, ILUSTRADA E AMPLIADA

CIVILIZAÇÃO



BRASILEIRA

Cr\$ 280,00

Em todas as livrarias ou pelo reembolso postal à
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Rua Muniz Barreto, 91/93, 22251, Rio de Janeiro, RJ
Tels. : 286-0797 e 286-1955

ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Conselho de Direção

ÊNIO SILVEIRA – Diretor-responsável

MOACYR FÉLIX – Editor-chefe

Conselho Consultivo

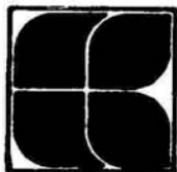
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA / ALBERTO DINES /
ALBERTO PASSOS GUIMARÃES / ALBERTO PASSOS GUIMA-
RÃES FILHO / ALCEU AMOROSO LIMA / ALEX VIANNY /
ALFREDO BOSI / ANTÔNIO CALLADO / ANTÔNIO CÂNDIDO
DE MELLO E SOUZA / ANTÔNIO HOUAISS / ANTÔNIO SÉR-
GIO DA SILVA AROUCA / ARTHUR GIANNOTTI / BARBOSA
LIMA SOBRINHO / CARLOS GUILHERME MOTA / CARLOS
NELSON COUTINHO / CELSO FURTADO / CÍCERO SANDRO-
NI / DARCY RIBEIRO / DIAS GOMES / FÁBIO LUCAS / FAUS-
TO CUPERTINO / FAUSTO CUNHA / FELIX DE ATHAYDE /
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO / FERNANDO NOVAIS /
FERREIRA GULLAR / FREI BETTO / GILBERTO VELHO /
GISÁLIO CERQUEIRA FILHO / HÉLIO JAGUARIBE / JÂNIO
DE FREITAS / JOSÉ GOLDEMBERG / JOSÉ HONÓRIO RODRI-
GUES / JOSÉ PAULO NETTO / LEANDRO KONDER / LEON
HIRSCHMAN / LEONARDO BOFF, O. F. M. / LUIS FERNANDO
CARDOSO / LUIZ MÁRIO GAZZANELO / MARIA DA CONCEI-
ÇÃO TAVARES / MARIA HELENA KÜHNER / MARIA RITA
GALVÃO / MÁRIO PEDROSA / MOACYR WERNECK DE CAS-
TRO / NELSON PEREIRA DOS SANTOS / OCTAVIO IANNI /
OSNY DUARTE PEREIRA / ROLAND CORBISIER / SÉRGIO
AUGUSTO / VANILDA PAIVA / WALDIR PIRES / WALDO
CESAR / WILSON FADUL.

Distribuição exclusiva

(a livrarias) EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A. — Rua
Muniz Barreto, 91/93 — Rio de Janeiro, RJ; (a bancas e agências de
jornais e revistas) FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA
S.A. — Rua Teodoro da Silva, 907 — Rio de Janeiro, RJ.

**ENCONTROS COM
A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA**

16



**civilização
brasileira**

Capa:
EUGÊNIO HIRSCH

Diagramação:
LÉA CAULLIRAUX

Revisão tipográfica:
LÚCIA MOUSINHO

Revisão de originais:
REGINA MELLO BRANDÃO

Foto de capa:
WALTER GHELMAN

Composição e impressão:
GRÁFICA PORTINHO CAVALCANTI LTDA.
Rua Irineu Marinho, 30, s/loja 206 – Tel.: 224-7732

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

E46 Encontros com a Civilização Brasileira /
 Moacir Félix . . . /et al./ – Rio de
 Janeiro: Civilização Brasileira, 1979
 (Encontros com a Civilização
 Brasileira; v. 16)

Resumos biográficos

1. Ensaio – Coletânea I. Félix, Moacyr II.
Série

79-0725

CDD – 808.84
CDU – 82-4(082)

Sumário

ESTAS BANDEIRAS NÃO SERVEM: ESTÃO PODRES <i>Moacyr Félix</i>	7
TRILATERALISMO: A RECEITA DAS MULTINACIONAIS PARA O REGIME MILITAR BRASILEIRO <i>Freitas Diniz</i>	15
A OPEP NA ECONOMIA INTERNACIONAL: 1973-1978 <i>Giacomo Luciani</i>	27
A SÍNDROME DA RECESSÃO BRASILEIRA <i>Ignácio Rangel</i>	41
A CRISE IDEOLÓGICA E O INTEGRALISMO <i>Luiz Eduardo Bicca</i>	53
TECNOLOGIA NACIONAL: DILEMAS E PERSPECTIVAS EM FACE DA INTERNACIONALIZAÇÃO <i>Luiz Pinguelli Rosa</i>	69
ATIVIDADE INTELLECTUAL NA UNIVERSIDADE:	
I. ACADEMICISMO E VIDA UNIVERSITÁRIA <i>Gilberto Velho</i>	78
II. ENSINO E PESQUISA: UMA ASSOCIAÇÃO PROBLEMÁ- TICA <i>Luiz Antonio Cunha</i>	82
III. FORMAÇÃO DO PESQUISADOR: UM PROCESSO EM QUESTÃO <i>Marcio D'Olne Campos</i>	88
IV. DE MODELOS E MODELAGENS <i>Carlos Vogt</i>	92
V. O CAMPUS UNIVERSITÁRIO NO BRASIL: ARQUITE- TURA – ASPECTOS IDEOLÓGICOS <i>Carlos Nelson F. dos Santos</i>	97
DEPENDÊNCIA OU INDEPENDÊNCIA NA LITERATURA BRA- SILEIRA <i>Fritz Teixeira de Salles</i>	103

HISTÓRIAS SEM RAZÃO	
<i>José Arthur Giannotti</i>	115
POEMAS	
<i>Hamilton Farias e Márcio Almeida</i>	135
A GEOGRAFIA SERVE PARA DESVENDAR MÁSCARAS SOCIAIS	
<i>Ruy Moreira</i>	143
A MOÇA DA SEGUNDA-FEIRA	
Conto de <i>Dayse Mayer</i>	171
CONCEITOS DE CULTURA EM MAO TSÉ-TUNG	
<i>João Ricardo Moderno</i>	175
DA CATEGORIA DE CULTURA: DO APARELHO CULTURAL DO ESTADO	
<i>Carlos Henrique de Escobar</i>	183

RESENHAS

E POR QUE NÃO EU?/Alberto Dines – *Affonso Romano de Sant'Anna*; OS RATOS e O LOUCO DE CATI/Dyonélio Machado – *Roberto Reis*; ÁLCOOL: UMA AGENDA PARA O PRESENTE/Jaime Rotstein – *Valdir Pietre*; DA COLUNA PRESTES À QUEDA DE ARRAES/Paulo Cavalcanti – *Nelson Werneck Sodré*; O EXPERIMENTO FINAL/Nicholas Wade – *Darcy F. de Almeida*; A VIDA SUSPEITA DO SUBVERSIVO RAUL PARELO/Frei Betto – *Matsuel Martins da Silva*; A DITADURA DO PROLETARIADO/Kautsky e A REVOLUÇÃO PROLETÁRIA E O RENEGADO KAUTSKY/Lenin – *Luiz Fernando de Luccas*; OBRA POÉTICA/Sosígenes Costa – *Carlos Augusto Corrêa*; CARTAS DE GOIÁS: MENSAGENS DE UM ESCRITOR ANALFABETO/Joaquim Alves dos Santos – *Carlos Rodrigues Brandão*; A IDEOLOGIA NACIONALISTA EM ALBERTO TORRES/Adalberto Marson – *Aluizio Alves Filho*; URUGUAI: UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO/A. Veiga Fialho – *Osny Duarte Pereira*.

* * *

Encontros com a Civilização Brasileira, sempre visando o diálogo e o debate sobre problemas do humanismo contemporâneo, é uma publicação aberta a várias correntes da cultura internacional, sendo, portanto, de inteira responsabilidade dos seus autores as opiniões emitidas em toda e qualquer matéria assinada.

III. Formação do Pesquisador: Um Processo em Questão



Marcio D'Olne Campos

Instituto de Física, UNH AMP, Campinas, SP

“A concepção de universidade que imperou em 34 era mais adequada às nossas condições do que a imposta agora em 1969.

O que existe hoje é pior que a massificação sem critério: é o massacre dos mais inteligentes. Hoje em dia, por exemplo, quem quiser chegar ao doutoramento tem de ficar até quase os 30 anos na Universidade. Se se ficasse fazendo pesquisa, muito bem, mas não. Fica-se muitas vezes fazendo exercícios, cursos, coisinhas assim de rotina. O que temos aqui é um tipo de universidade americana medíocre. Nos Estados Unidos há universidades excelentes, que estão sem dúvida entre as melhores do mundo. Mas, em consequência dos acordos MEC-USAID, não se introduziu aqui a universidade americana do melhor tipo, mas a do tipo medíocre. O resultado é que essa universidade massacra o talento no Brasil.”

Essas palavras são parte de uma entrevista dada pelo Prof. Mario Schemberg ao jornal *O Estado de São Paulo*, em 10 de dezembro de 1978. A alusão à situação universitária em 1934 refere-se à criação da Universidade de São Paulo que possuía como unidade central integrada a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras.

A atual situação da universidade brasileira tem suas origens em 1968 quando foi constituído pelo Ministério da Educação e Cultura um grupo de trabalho com a finalidade de elaborar, no prazo recorde de trinta dias, um relatório que deste então norteou toda a reforma de ensino implantada em nosso país. Esse relatório, além de se inspirar nas propostas do convênio MEC-USAID para o ensino superior, foi também o grande responsável pela tentativa fracassada de profissionalização de nosso ensino médio.

São inúmeras as análises publicadas atestando a degradação do ensino brasileiro nos últimos dez anos como consequência dessas medidas, cujo objetivo principal foi harmonizar os programas de ensino e as novas elites intelectuais em formação com a política desenvolvimentista e fortemente tecnocrata à qual todos nós nos temos submetido.

Não pretendemos e nem nos compete encarar nesse debate as condições de nossa pesquisa com relação aos grandes financiadores e seus grandes planos, pautados mais na política de concentração de capital do que num interesse pelo ensino e a pesquisa voltados para a sociedade. Tentaremos abordar aqui um aspecto particular do desenvolvimento da pesquisa que nos parece ser de extrema importância. Ele se refere ao processo de formação a que estão submetidos os pós graduandos que, por força da institucionalização dos programas de pós-graduação, só serão considerados pesquisadores após uma romaria de requisitos que os elevarão à categoria de *Doutores*.

Torna-se necessário ressaltar que as considerações a seguir reportam-se à experiências vinculadas à área das ciências ditas exatas, apesar de acreditar que extrapolações razoáveis possam ser atribuídas a outras áreas.

A instalação dos programas de pós-graduação se deu com o aproveitamento, no país, de pessoal formado ou reconhecido como tal e em grande parte com a importação de doutores brasileiros ou estrangeiros oriundos de vários centros de pesquisa do exterior.

Procuremos conjecturar sobre o que ocorre a partir da chegada de um doutor, em grande parte dos casos recém-doutorado, num centro de pós-graduação brasileiro.

Esse indivíduo acaba de defender uma tese que em geral resultou numa ou mais publicações por revistas do muito propalado e de difícil definição "nível internacional". Dessa tese restam propositadamente alguns apêndices que, como tópicos de pesquisa, lhe permitirão continuar a publicar na nova instituição. Essa condição é em geral necessária e quase sempre suficiente para integrá-lo na comunidade científica, garantir sua recontração como professor e dar prestígio ao centro no qual se encontra inserido.

O doutor é então procurado por um recém-graduado que deseja receber orientação em pesquisa e que, para sua manutenção, precisa dirigir um pedido de bolsa a uma das instituições de auxílio à pesquisa. Um plano de

pesquisa, ou melhor, um plano de tese é então exigido e deverá ser entregue, na melhor das hipóteses, um ano após o início do programa ou, às vezes, até no próprio início.

Isso obriga o orientando a ter pouca participação na elaboração do plano. A ele cabe confiar cegamente no orientador que muitas vezes usa um dos tópicos decorrentes do seu trabalho de tese para propor um assunto de pesquisa.

Como ilustração referimo-nos a uma das respostas obtidas de um aluno de doutoramento a um questionário respondido na UNICAMP: "Meu projeto de pesquisa foi uma consulta científica feita a meu orientador que me entregou como Moisés as tábuas da lei" (*sic*).

Adiante ele continua: "No momento atual vejo o Doutorado como uma 'iniciação' à qual devem se submeter os que querem estudar com um pouco de liberdade e um restinho de esperança" (*sic*).

Uma vez concedida a bolsa, inicia-se o programa propriamente dito com suas inúmeras exigências formais e uma enorme quantidade de horas nas cadeiras de salas de aula para o cumprimento dos requisitos aos quais se dá maior importância na formação do pesquisador: os cursos básicos obrigatórios, os cursos básicos da área e assim por diante. Há casos em que se chega até uma total inversão de valores, considerando o aprendizado sob a forma de seminários no último grau da abominável hierarquia dos cursos. Entre a forma e o conteúdo, por que não eleger a forma?

Com todo esse aparato institucional e opressor da liberdade de pensamento e da criatividade, o pós-graduando terá um longo e penoso percurso na tomada de consciência do seu plano de trabalho quanto ao conteúdo, objetivos etc. Sabe ele que ainda existe a agravante de que a instituição concessora da bolsa estipulou um prazo de dois anos para o término da sua pesquisa, quer seja ela de mestrado, de doutorado ou, quem sabe, de mercado . . .

Estaremos assim diante das condições para a formação de alguém com mentalidade de pesquisador, ou de alguém que funcione em benefício de princípios desconhecidos ou duvidosos?

Uma política científica global, com origem nas camadas que realmente exerçam a ciência, concertante com políticas e programas científicos específicos de centros de pesquisa universitários é muitas vezes recusada e colocada em oposição a uma pretensa liberdade acadêmica. A essa atitude, não estaria se sobrepondo um aglomerado de opções essas trazidas pelos nossos pesquisadores importados e que tiveram origem em políticas ou projetos existentes fora do país?

Essa situação de transferência de políticas e projetos ainda continua a se processar também no interior do país. Após sua formação, o pós-graduando

— agora doutor formado em geral num dos “Centros de Excelência” assim denominados pelo CNPq — se encaminha para seu emprego em uma universidade de menor importância ou com o programa de pós-graduação em formação. Lá ele provavelmente irá, como orientador, reproduzir processo análogo ao de sua formação. O caráter nacional das normas para a pós-graduação e o concenso existente entre os pesquisadores de que o produto de seu trabalho deve atingir o já mencionado “nível internacional” farão com que se percam os objetivos sociais e as características regionais da instituição em formação onde se encontra o novo pesquisador-professor. Tentarei aqui levantar propostas para o nosso debate, colocando sobretudo em questão os cursos massificantes, exames de qualificação e tantos outros requisitos inspirados em modelos americanos de pós-graduação. Aliás, nisso nós passamos a ser mais realistas que o rei promovendo uma inflexibilidade que supera em muito os modelos originais.

A atividade de investigação científica supõe em geral um trabalho no seio de uma equipe de pesquisadores em constante interação através de dicionários e discussões que possibilitem liberdade de pensar e agir cientificamente. A formação de um pesquisador deve partir do pressuposto que o pós-graduando esteja integrado nessa equipe e com o tempo suficiente para usufruir desse contato. No interior da equipe, a relação com o orientador, além de contribuir para que esse contato seja mais proveitoso do ponto de vista do projeto específico de pesquisa, deveria proporcionar também o ambiente e a conseqüente curiosidade científica para a formação dos conceitos de base ou dos fundamentos na área de pesquisa escolhida. Ao mesmo tempo deveria se desenvolver uma visão crítica de sua formação e do seu conseqüente papel na sociedade. Visão essa que certamente não será criada pelos tendenciosos cursos de Estudos de Problemas Brasileiros, atualmente cabides de emprego nas universidades.

Seriam essas as linhas gerais das quais deveríamos partir no intuito de formar antes pesquisadores do que mestres ou doutores?

Ao aceitarmos, nós os orientadores, o sistema atual de pós-graduação com seus cursos massificantes e outros requisitos de finalidade estritamente burocrática e normalizadora, não estaríamos fugindo à responsabilidade individual de uma orientação muito mais coerente e efetiva na formação de um pesquisador e aderindo à solução de facilidade?

A responsabilidade individual dos orientadores se dilui facilmente quando recebemos um aluno supostamente pronto para a pesquisa, uma vez que passou por todo o processo massificante de informação e até, porque não, de deformação e nos vemos compelidos a conduzi-lo, premidos pelo tempo, a mais uma etapa regulamentar: a tese.